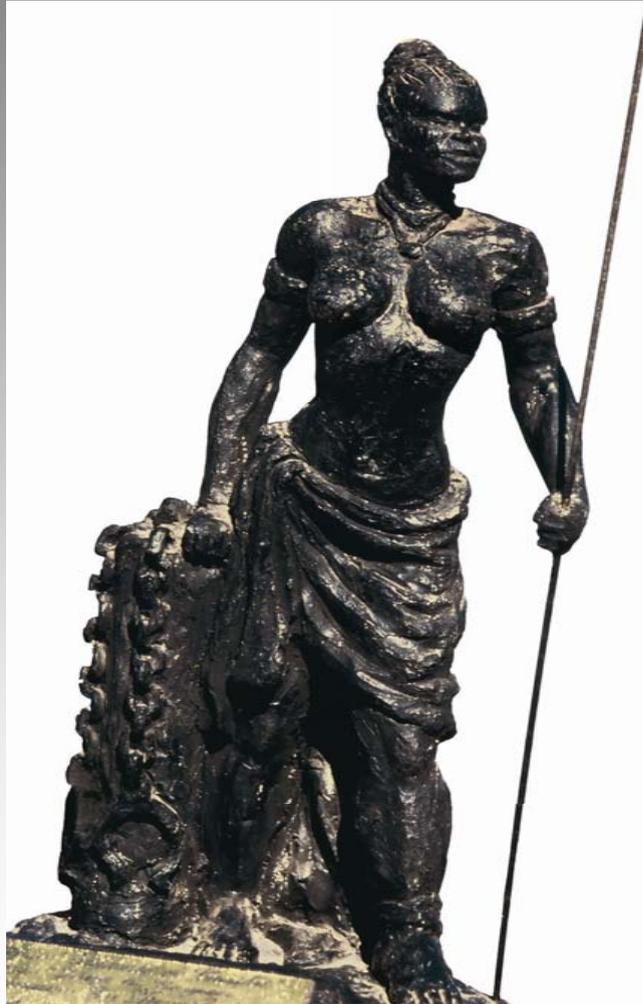


Negras no Palco da História

O *Dia Internacional contra a Discriminação Racial*, comemorado no dia 21 de março, foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), objetivando dar visibilidade a iniciativas de combate a discriminação racial e em memória ao trágico fato, ocorrido no dia 21 de março de 1960, na cidade de Joanesburgo na África do Sul. Nesta ocasião em torno de 20.000 negros, foram sumariamente assassinados, ao protestar contra a lei do passe, que os obrigava a portar cartões de identificação, especificando os locais por onde eles podiam circular.

Esta tragédia ficou conhecida por *Massacre de Sharpeville*. Muito embora, esta data tenha sido escolhida, tendo por referência este massacre, o dia 21 de março também marca conquistas importantes da população negra. Pode-se dar como exemplo a independência da Etiópia (1975) e da Níbia (1990) - países africanos.

Tendo por referência as conquistas do povo negro, destacamos algumas lideranças de mulheres negras que, com muita determinação, contribuíram para a conquista de direitos e visibilidade da questão racial no Brasil.



Tereza de Benguela

(Fotografia de Mário Vilela)

Há indícios da existência de quilombos, no Brasil desde o século XVI. Dentre os diversos significados atribuído aos quilombos, estão a reação contra a escravatura assim como uma forma de protesto ao status quo e a ocupação de terras.

No Brasil estas comunidades chegaram a representar milhares de habitantes. Dentre as lideranças quilombolas destacamos a figura de ***Tereza de Benguela***, líder do Quilombo de Quariterê, em Mato Grosso.



Raimunda Maria de Jesus - (Acervo Curumim)

A arte de partejar no Brasil tem por referência o cruzamento das culturas africanas, indígenas e européias. Ao longo da história do Brasil, diversos foram os nomes atribuídos as mulheres que se dedicavam a esta tarefa: parteiras, aparadoras, benzedadeiras, dentre outros. Um nome que se destaca nesta constelação é o de Raimunda Maria de Jesus, que foi até falecer, Parteira do Município de Trindade, sertão do Araripe, Pernambuco.



Almerinda Faria Gama – Acervo CPDOC, (Fundação Getúlio Vargas)

A luta pelo sufrágio feminino tornou-se mais aguerrida nas primeiras décadas do século XX. Organizações como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), mulheres como a professora baiana Leolinda Daltro, a bióloga Berta Lutz, acirraram os debates sobre os direitos de voto das mulheres, conquistado em 24 de fevereiro de 1932. Neste longo e sofrido caminho, em junho de 1933, Almerinda Faria Gama foi a primeira mulher representante classista a votar na Assembléia Constituinte.



Melânia Luz - (Coleção particular de Melânia Luz)

Segundo pesquisadores, a história dos esportes remonta a quase 2000 anos antes de Cristo, sendo assim, se pode inferir que, a história do preconceito em aceitar as mulheres nos esportes remonta desta época. Durante toda a história da participação das mulheres nos esportes, houve sempre a visão de que as mulheres não estariam qualificadas para algumas modalidades. No Brasil durante o Estado Novo (1937-1945), o presidente Vargas, criou o decreto 3.199, que determinava que as mulheres não poderiam praticar atividades esportivas que fossem consideradas não condizentes com sua condição feminina: suas funções de mães ou futuras mães. Dentre eles o futebol, halterofilismo, beisebol e lutas de qualquer natureza.

Na década de 1940 a atleta Melânia Luz, dá sua contribuição no sentido de romper com as barreiras impostas às mulheres negras. Além de receber várias medalhas em campeonatos esportivos, foi a primeira mulher negra brasileira a participar das Olimpíadas.



Maria Beatriz Nascimento
(Acervo Arquivo Nacional)



Lélia Gonzáles
(Acervo Agência o Globo)



Nilma Bentes
(Coleção particular de
Zélia Amador de Deus)



A história do Movimento Negro no Brasil, foi constituída pelo sangue e suor de milhares de mulheres negras, conhecidas e desconhecidas. Dentre os diversos nomes que representa esta história, temos o de Lélia Gonzáles, co-fundadora do Movimento Negro Unificado, protagonista de discussões históricas sobre gênero e raça no Brasil; Maria Beatriz nascimento, historiadora e militante fervorosa, co-fundadora do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra; Nilma Bentes fervorosa no movimento de mulheres negras, sua inquietude é sempre um sopro de novos ares ao debate, co-fundadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará e do Instituto da Mulher Negra do Pará; Passeata Comemorativa do Dia 08 de Março, é uma homenagem a todas as mulheres do movimento que anônimas ou não trabalham pelo fim da discriminação racial no Brasil.



Mãe Hilda Jitolu – Hilda Dias dos Santos
(Fotografia de Mirian Gomes – Acervo Associação Cultural Ilê Aiyê)

Finalizado esta singela homenagem as mulheres negras que trabalharam e trabalham em prol da igualdade racial e de gênero...encerramos com Mãe Hilda Jitolu.

Mãe Hilda Jitolu, yalorixa do Terreiro Ilê Axé Jitolu, possuidora de força espiritual contagiante e com a doçura característica de sua personalidade, influenciou a todos que tiveram a sorte de privar de sua intimidade, e foi muito além, influenciou o Brasil como um todo, ao estrategicamente, idealizar projetos sociais que despertavam a auto-estima da população negra, dando visibilidade positiva a características até então depreciadas.